

Ensaio

O Futuro da Educação a Distância: Que fatores afetarão como a educação a distância se desenvolverá no futuro?¹

*Ormond Simpson*²

RESUMO

Este artigo procura abordar algumas das várias características que podem afetar o desenvolvimento futuro da educação a distância. Ele sugere que o elemento de maior importância é a questão da retenção e desistência do aluno. A educação a distância aparenta ter índices de conclusão equivalentes a um quarto, ou menos, do que a educação convencional – o “déficit da educação a distância”. Isso traz consequências negativas para três das mais importantes características da educação a distância: custo, sustentabilidade e acesso. O artigo investiga como vários departamentos da educação a distância afetam a desistência e procura argumentar que, em última análise, as principais barreiras que afetam a retenção de alunos é o comportamento dos membros da comunidade de educação a distância.

Palavras-chave: educação a distância; retenção; desistência.

ABSTRACT

This article looks at some of the various characteristics that may affect the future development of distance education. It suggests that the most important feature is the issue of student retention and dropout. Distance education appears to have graduation rates of about a quarter or less than those of conventional education - the ‘distance education deficit’. This has negative consequences for three of the most important features of distance education - costs, sustainability and access. The article looks at how various developments in distance education affect dropout and argues that the main barriers affecting student retention are ultimately the attitudes of the members of the distance education community.

Keywords: distance education; retention; dropout.

¹ Versão traduzida do original em inglês.

² Ormond Simpson é, atualmente, professor visitante na *University of London Centre for Distance Education*.

RESUMEN

Este artículo busca abordar algunas de las diferentes características que pueden afectar el futuro desarrollo de la educación a distancia. El mismo sugiere que el elemento de mayor importancia es el aspecto de la retención y deserción del estudiante. La educación a distancia aparenta tener índices de conclusión equivalente a un cuarto, o menos, que la educación convencional – el “déficit de la educación a distancia”. Esto trae consecuencias negativas para tres de las más importantes características de la educación a distancia: costo, sustentabilidad y acceso. El artículo investiga cómo varios departamentos de la educación a distancia afectan la deserción y busca argumentar que, en el análisis final, las principales barreras que afectan la retención de alumnos es el comportamiento de los miembros de la comunidad de educación a distancia.

Palabras-clave: educación a distancia; retención; deserción.

INTRODUÇÃO

“É muito difícil fazer previsões, principalmente sobre o futuro”. Niels Bohr, físico.

Assim como sugeriu Neils Bohr, prever o futuro não é fácil. Portanto, tentativas de prever como deverá se desenvolver a educação a distância no futuro, provavelmente, terminarão em danos à reputação do autor. Mas, como Confúcio talvez tenha dito, “se um homem não dedica um único pensamento ao que está distante, ele encontrará pesar ao alcance da mão”. Ou, como Paulo Coelho certamente disse, “... fique de olhos abertos, concentre-se e tenha certeza de que você sabe exatamente o que quer. Ninguém acerta no alvo com os olhos fechados”.

Portanto, devemos tentar, ao menos, supor quais são os principais fatores que afetarão o futuro da educação a distância e como os progressos atuais dependerão desses fatores. A partir daí, poderemos esperar estar mais preparados quando o futuro da educação a distância, qualquer que ele seja, de fato chegar. Certamente, há a possibilidade de que haja mais de um futuro, conforme outras formas de educação a distância para diferentes países e sistemas desenvolvem-se.

FATORES QUE AFETAM O FUTURO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Quatro parecem ser os fatores mais importantes em educação a distância a serem considerados em qualquer análise: custo, sustentabilidade, acesso e retenção.

Custo

O futuro para a educação a distância em termos de custo parece ser promissor. O modelo é claramente muito menos dispendioso do que a educação tradicional tanto para governos, instituições e para os próprios alunos.

- Para Governos

Os ganhos que a educação a distância trazem para governos acontecem de várias maneiras: se há subsídio, os custos de uma instituição de educação a distância, tanto em capital como em custos de funcionamento, são possivelmente muito mais baixos do que os custos de instituições convencionais, considerando que não há necessidade de construção de instalações caras para abrigar alunos ou de comprometer alto número de funcionários para lhes dar apoio. Há ganhos para os governos, ainda que não haja subsídio

de qualquer tipo para a educação a distância porque, ao contrário dos alunos do sistema tradicional, muitos daqueles matriculados em cursos a distância continuam trabalhando enquanto estudando, contribuindo com a economia tanto em termos de PIB quanto em termos de imposto de renda.

- Para Instituições de Ensino

Instituições de Ensino a distância também podem ganhar em termos de custo. Se uma instituição convencional também oferece um programa a distância (ou seja, é uma instituição bimodal), conforme demonstrou Rumble (1992), o custo adicional de se oferecer o modelo a distância pode ser relativamente pequeno, comparado ao convencional – o modelo convencional subsidia o modelo a distância. Instituições a distância com dedicação exclusiva (uma instituição monomodal) podem descobrir que, sem os custos relacionados à presença de estudantes em seu campus, a modalidade a distância é muito menos dispendiosa do que seu semelhante convencional.

- Para alunos

O ganho para alunos é claro na modalidade a distância. Geralmente, as mensalidades são mais baratas e, geralmente, é possível continuar a trabalhar enquanto se estuda. Esta é uma vantagem financeira enorme sobre os estudantes do modelo convencional. No caso da Universidade Aberta do Reino Unido, a estimativa é que o custo dos cursos de graduação seja de apenas um quinto de uma graduação convencional. Por sua vez, isso significa que o retorno do investimento educacional – a renda extra obtida como resultado da formação superior dividida pelo investimento aplicado na obtenção do título – é muito maior.

Ao contrário do que muitos pensam, a introdução do *e-learning* não tem qualquer impacto nesses cálculos. Há consenso entre os escritores de educação a distância que *e-learning* não é mais barato para nenhum dos atores mencionados acima (Rumble 2004).

Porém, apesar dessas aparentes vantagens da educação a distância em termos de custos, há ainda uma pedra no caminho de seu progresso, como veremos adiante.

Sustentabilidade

Pode ser surpreendente ver esse termo utilizado em um contexto educacional, mas a educação é uma atividade que precisa de energia, tão suscetível à necessidade de redução do processo de aquecimento global quanto qualquer outra indústria. Assim, foram feitas tentativas para estimar o consumo relativo de energia e a produção de CO₂ do modelo de educação a distância comparado com o modelo convencional. Considerando que os alunos estudam predominantemente em casa e não contribuem com substancial demanda extra de energia, não surpreende que tanto a produção de CO₂ quanto o uso de energia da educação a distância seja de menos de 20% daquele utilizado pelo modelo convencional (ver Figura 1).

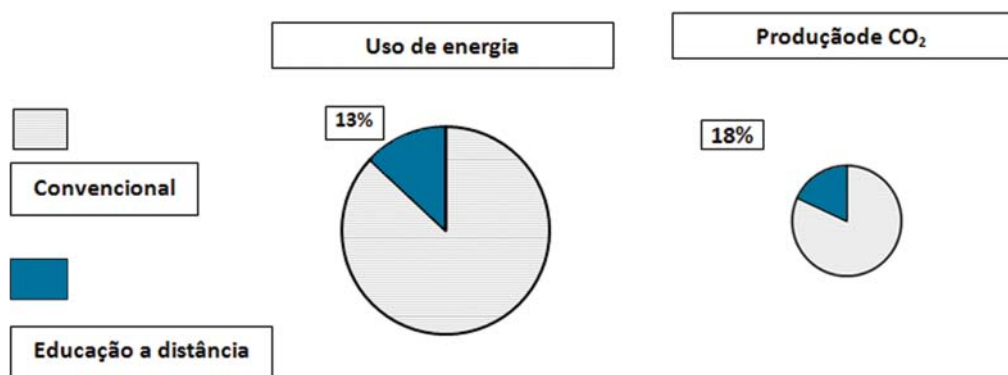


Figura 1: Produção de CO₂ e uso de energia comparados em educação a distância e convencional (Roy et al, 2007)

Isso se dá apesar do custo extra, na educação a distância, da produção gráfica e da postagem de materiais das instituições aos alunos e vice-versa.

Supreendentemente, o *e-learning* não é mais sustentável do que a educação convencional: a energia extra gasta na manutenção de computadores e Internet compensam a economia de energia e gastos com postagem.

Porém, mais uma vez, há uma pedra no caminho da educação a distância, que vamos endereçar em breve.

Acesso

Uma das grandes e imediatas vantagens da educação a distância foi, originalmente, a forma com que tornou oportunidades educacionais disponíveis para uma parcela populacional que a educação convencional não atingia. Estudantes em comunidades remotas, impossibilitados de estudar em tempo integral ou de deslocamento limitado devido à inabilidade física, alunos de baixo poder aquisitivo e, talvez até principalmente, mulheres,

todos se beneficiaram da possibilidade de estudar em casa, a seu próprio tempo, sem a necessidade de se deslocar até um local fixo. Até internos em penitenciárias podiam estudar. Tudo que era necessário era um endereço e, talvez, nem isso: há um relato de um sem-teto na Inglaterra que estudou, utilizando o endereço de uma lavanderia local para correspondência.

Esse nível de acesso certamente deve ter contribuído para o rápido crescimento da educação a distância nos últimos trinta anos, provavelmente tornando-se a área da educação de mais rápida expansão global.

Porém, há um problema, aparentemente ignorado por alguns educadores do sistema a distância, que limita esse sucesso: o crescimento das instituições dedicadas ao *e-learning*. Existe um número crescente de instituições que oferecem opções acessíveis apenas através da Internet, como a Universidade Aberta do Reino Unido. Esse tipo de instituição, portanto, exclui alunos em potencial que não têm acesso à Internet. É fácil para que o

os funcionários de uma instituição como essa, largamente formada por integrantes da classe média, assumam que praticamente todas as pessoas tenham acesso à Internet. Mas até em economias altamente desenvolvidas, como a do Reino Unido, esse nem sempre é o caso: aproximadamente 25% da população britânica não tem acesso à Internet de banda larga em casa.

Ainda que alguns consigam utilizar cybercafés, bibliotecas e outros, não está claro que esses níveis de acesso são suficientes para a realização de um curso exclusivamente via Internet. É importante notar que a ausência de acesso à Internet é, invariavelmente, mais concentrada naquelas parcelas da população em maior desvantagem econômica e educacional, o que contribui, portanto, para o fenômeno da exclusão digital – a marginalização daquela parte da população que não tem acesso à rede mundial de computadores e seus benefícios.

Se este é o caso em uma sociedade altamente desenvolvida, essa exclusão é mais marcante em sociedades em desenvolvimento, como o Brasil e a China, onde o acesso à Internet pode estar restrito a apenas 30% da população. A exclusão é ainda mais marcante em países da África, onde o acesso é disponível para menos de 10% da população. Certamente, o advento do smartphone está mudando o acesso à Internet e já se estima que mais pessoas acessem a rede através de dispositivos móveis do que usando computadores. Mas ainda não está claro como este tipo de acesso pode ser utilizado para o estudo.

Por fim, há aquela pedra no caminho da educação a distância – a pedra da retenção e desistência.

RETENÇÃO E DESISTÊNCIA

Índices de Conclusão – dados

Ainda que seja difícil adquirir números claros da desistência discente dos programas de educação a distância, parece haver pouca dúvida de que eles são muito mais altos que o da educação convencional. Há inúmeras formas através das quais as instituições medem os índices de desistência, mas como os benefícios da educação a distância aparecem, principalmente, após a conclusão, a melhor forma de análise é, provavelmente, olhar a taxa geral de conclusão (ver Figura 2).

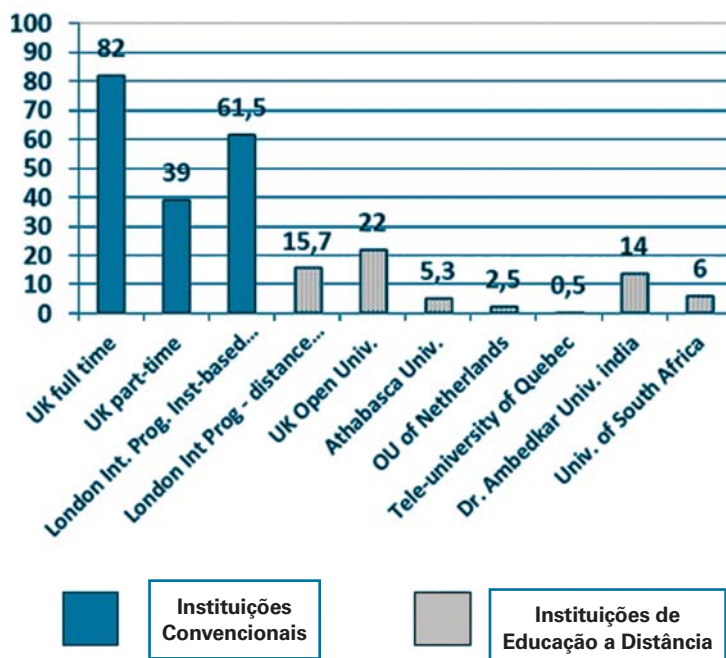


Figura 2: Taxa de conclusão de graduação em instituições de ensino superior (Simpson, 2013)

É possível observar que os índices de conclusão para as instituições de ensino a distância no gráfico parecem variar entre 0 e 20%, com mais de 80% para a educação em tempo integral no Reino Unido. Essa seleção de índices, em particular, reflete apenas aquelas obtidas na literatura disponível. São todas instituições públicas e é possível, obviamente, que haja instituições que apresentem resultados muito melhores, talvez entre as instituições particulares. Porém, há rumores que sugerem que as instituições particulares apresentem resultados ainda piores. Estima-se que, em uma das maiores instituições de ensino dos Estados Unidos, a Universidade de Phoenix, a taxa de conclusão dos programas de ensino a distância seja de apenas 4% (alguns analistas referem-se a essas instituições como “fábricas de fracassos”).

Os índices da *London International Programmes* são particularmente interessantes, uma vez que cursos idênticos são apresentados em dois modos: de apoio face a face (alunos com base nas instituições) e apenas por correspondência (alunos a distância). Portanto, comparações diretas são possíveis e fica claro, a partir do gráfico, que os índices de conclusão do modelo a distância são de apenas um quarto dos índices apresentados pelos alunos do modelo face a face, 15,7% versus 61,5%, respectivamente. Esse índice aproxima-se da relação entre estudantes do ensino a distância na Universidade Aberta do Reino Unido e os alunos em tempo integral naquele país: 22% e 82%. É possível que o fenômeno apresentado pela educação a distância de apresentar apenas um quarto dos índices de conclusão da educação convencional seja

uma característica global e, portanto, pode ser chamado de *déficit da educação a distância*.

DESISTÊNCIA EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – EFEITOS

Alguns analistas parecem dar pouca importância à desistência na educação a distância. Como foi sugerido por um pesquisador, “o alto índice de desistência nos cursos a distância pode não ser um fator negativo em termos educacionais. Afinal, os custos para os alunos e a sociedade são mínimos, mesmo quando a situação é desencorajadora” (Powell, 2009). No entanto, há características que sugerem que essa visão é muito complacente.

Indícios de que, a longo prazo, a desistência causa danos aos alunos

Muito pouco se tem pesquisado sobre o que acontece com aqueles alunos que desistem da educação a distância. O fato é

curioso, considerando que alunos desistentes são, claramente, o principal produto do modelo. No entanto, o fato não representa uma crítica direcionada, em particular à educação a distância, pois parece que muito pouco foi pesquisado sobre os alunos desistentes na educação convencional. No Reino Unido, há a pesquisa de Bynner (2001), que enquanto investigava os benefícios da educação superior convencional, também se deparou com os efeitos da desistência. Ele descobriu que entre os estudantes desistentes – independente do modelo a distância ou convencional – havia maior probabilidade de depressão e desemprego e, entre as mulheres, havia mais propensão para sofrer violência perpetrada por seus parceiros. A maior propensão não chega a ser surpreendente, mas estudantes desistentes apresentam essas maiores probabilidades inclusive, se comparados a pessoas que nunca entraram no sistema universitário britânico (ver Figura 3).

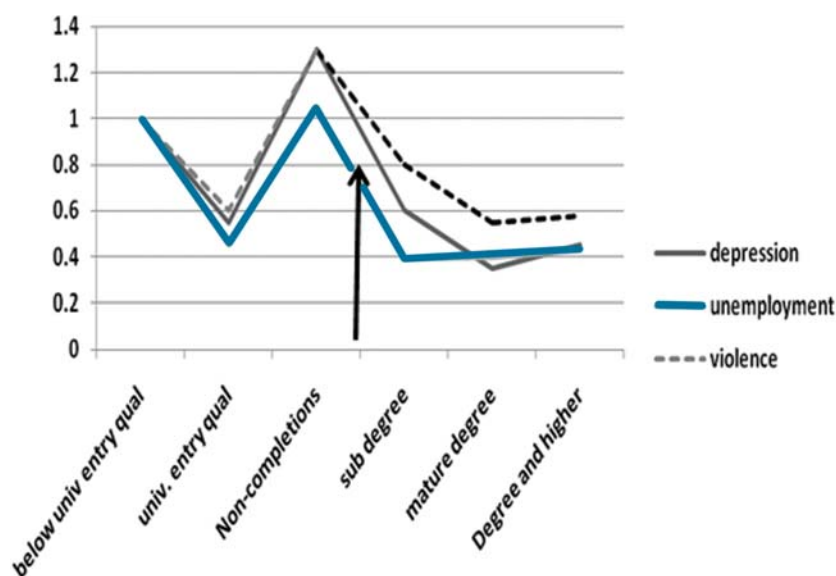


Figura 3: Probabilidade para depressão, desemprego e (entre mulheres) para sofrer violência por parte de seus parceiros, de acordo com a experiência educacional (Bynner, 2001)

Alguns educadores da educação podem buscar conforto na ideia de que os alunos do modelo a distância podem ser menos integrados com seus estudos e que as consequências da desistência são menos importantes. No entanto, parece haver pouca evidência que fortaleça esse conceito. A experiência pessoal como professor em educação a distância, por mais de 35 anos, demonstra que, em muitas oportunidades, alunos desistentes expressaram vividamente suas angústias a este autor.

Além desses possíveis resultados da desistência, existe outro mais certo: aqueles alunos que pagam suas mensalidades ou tomam empréstimos para pagá-las encontrar-se-ão endividados depois que desistirem, mas não obterão o aumento de renda que o graduado teria para pagar a dívida. O resultado é o aumento geral do endividamento na população em um momento no qual a questão tem se tornado uma questão preocupante em muitas sociedades.

Dano à reputação das instituições de educação a distância

Imagine-se entrando em um ônibus para uma longa viagem e prestes a pagar a passagem. “Você sabe que há uma chance de 90% para que esse ônibus se despedace antes de chegar ao destino?”, diz o motorista. Você pagaria e permaneceria no ônibus? Provavelmente, não. No entanto, essa é a posição de milhares de alunos que, anualmente, iniciam seus cursos. Até o momento, não há evidências de que a situação afete a reputação das instituições de educação a distância, mas em um ambiente educacional em crescente competitividade, este pode não ser sempre o caso. Estudantes em potencial podem

escolher aplicar melhor seu dinheiro e matricular-se em instituições que lhes ofereçam melhor chances de sucesso.

E nas localidades onde houver subsídio governamental e de forma a aumentar a proporção de graduados na sociedade, os governos poderão começar a indagar se o dinheiro gasto está sendo utilizado da maneira mais eficiente. Alguém investiria em uma fábrica que trabalhasse com apenas 10% de eficiência?

Efeitos no custo, sustentabilidade e acesso

Outras consequências dos altos níveis de desistência na educação a distância são os efeitos no custo e sustentabilidade. Enquanto o custo de se obter uma graduação a distância, conforme previamente discutido, seja muito inferior aos custos da graduação convencional, o risco de o aluno perder seu investimento em tempo e dinheiro através da desistência são, correspondentemente, muito mais altos.

Da mesma forma, se uma instituição está produzindo uma proporção muito menor de graduandos, então sua sustentabilidade em relação a outras instituições também será bem reduzida. E, enquanto a instituição de ensino a distância pode reivindicar maior nível de acesso a seus alunos, ele é de pouca ajuda se o ingresso se dá através de uma porta giratória, permitindo que alunos entrem na mesma velocidade com que saem, sem ganho de experiência no processo.

O DÉFICIT DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA É UMA CARACTERÍSTICA INTRÍNSECA E INEVITÁVEL DO MODELO?

Como sugerido anteriormente, parece haver uma diferença entre os índices de conclusão apresentados na educação convencional e na educação a distância, onde os apresentados pela última são referentes a um quarto, ou menos, dos da primeira. Assim, levantam-se duas questões:

- Por que existe esse déficit?
- Seria esse déficit inerente e inevitável? – Ou seja, o déficit vai sempre existir, independente do que se faça?

Por que existe o déficit da educação a distância?

Pouca atenção parece ter sido dedicada a esta questão na literatura a respeito da educação a distância, em consonância com o nível de atenção dedicada ao problema geral da desistência discente na educação a distância como um todo. A estimativa é de que, ao menos em pesquisas norte-americanas e europeias, a retenção e desistência discente apareçam como foco principal em menos de um quinto dos artigos publicados nos jornais de educação a distância.

Uma das possíveis respostas deve estar relacionada com o fato de que a maior parte dos alunos do modelo a distância estuda meio período e divide o tempo e atenção entre emprego, família e outros compromissos, além dos estudos. A Figura 1 mostra que alunos britânicos de meio-período ainda mantêm índices de conclusão quase duas vezes mais altos que os alunos do ensino a distância da Universidade Aberta do Reino Unido.

Portanto, o déficit não pode ser explicado apenas por esse fator.

Um modelo que talvez ofereça alguma explicação seja o da teoria da “Distância Transacional” de Moore (Moore, 1990). Na prática, o modelo sugere que é a distância inerente entre alunos, instituições e professores que contribui para a ausência de comunicação entre eles e, portanto, mais passível de desistências. Em outras palavras, seria o isolamento dos alunos do ensino a distância o principal fator na maior probabilidade para desistir.

O déficit da educação a distância sempre existirá?

De certa maneira, suspeita-se que a resposta para essa pergunta seja: sim. Estudar a distância provavelmente sempre representa uma relação empobrecida do estudo face a face convencional. Porém, não há necessidade de o déficit ser maior que 25% do índice de conclusão, ou inferior. Não há razão para que os índices de conclusão da educação a distância não possam estar próximos de 50%, igualando o número de graduandos e desistentes.

Como aumentar os índices de conclusão na educação a distância?

A Teoria da Distância Transacional de Moore indica que melhorar a interação entre alunos, professores e instituição implicaria em melhora na retenção de alunos. Mas que forma tomaria essa comunicação? A resposta possível é fornecida por outro pesquisador, Edward Anderson.

Anderson (2006) acreditava que a desistência discente dava-se principalmente devido a um fator: perda da motivação para aprender:

“O melhor preditor da retenção discente é a motivação. Os serviços de retenção precisam ter claras as questões de motivação e desenvolvê-las de forma a reduzir a sua perda. A maioria dos alunos desiste devido à motivação reduzida”.

Anderson também notou algo que, na sua percepção, é uma característica particularmente importante do desenvolvimento motivacional por parte das instituições: ele deve ser proativo. Ou seja, a instituição deve estender a mão para seus alunos:

“A autoindicação do aluno não funciona como forma de promover a persistência. Os alunos que mais precisam de atenção são aqueles que menos se indicam. Serviços de retenção eficientes tomam a iniciativa em intervenções oportunas e alcançam esses alunos”.

Portanto, para aumentar a retenção discente em educação a distância, é necessário um sistema que seja, ao mesmo tempo, proativo e preocupado com a motivação para a aprendizagem – aqui chamado de Apoio Motivacional Proativo.

Apoio Motivacional Proativo

Argumentou-se, em outro momento, que a educação a distância precisa de uma teoria melhor de apoio ao corpo discente para reduzir a desistência de alunos (Simpson, 2008). Essa teoria deveria concentrar-se em aumentar a motivação para a aprendizagem dos alunos, assim como em seus custos. Até o momento, há evidências limitadas para corroborar essa teoria, ainda que o trabalho de pesquisa prossiga (o artigo e seus subsequentes desenvolvimentos podem ser encontrados

em www.ormondsimpson.com). A questão apresentada no artigo é se novos e recentes progressos em educação podem ser utilizados para reduzir a desistência discente através desta ou outra teoria.

NOVOS PROGRESSOS NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – IMPACTO NA DESISTÊNCIA DISCENTE?

Há muitos novos progressos na educação a distância, vários dos quais sob o título geral de “e-learning” (o termo será utilizado para incorporar outras formas, como m-learning – mobile learning – e *blendedlearning*).

O e-learning poderia reduzir a desistência?

Em teoria, o e-learning poderia superar o problema do isolamento do estudante e da distância transacional. Afinal, nessa modalidade, a distância entre aluno, instituição, professor e outros estudantes é equivalente àquela entre o estudante e seu computador ou smartphone. No entanto, um enigma parece apresentar-se, enquanto uma busca por resultados de pesquisa retorna poucas evidências de que a introdução do e-learning tenha representado diferença substancial nas taxas de desistência entre os alunos. Como exemplo, pode-se citar que, enquanto a Universidade Aberta do Reino Unido tenha se tornado uma instituição quase totalmente dedicada ao e-learning desde 2000, seus índices de conclusão, aparentemente, continuaram a cair.

Uma razão para explicar o fenômeno pode ser encontrada na expressão “e-learning³”

³ NT: E-learning representa a junção das palavras Electronic (eletrônica) e Learning (aprendizado), formando a expressão já conhecida e traduzível como “aprendizado eletrônico”.

e como ele é um termo impróprio. O que a maioria das instituições de ensino a distância está fazendo, na maioria dos casos, é “*e-teaching*”⁴ – usando a Internet para ensinar os alunos, através de meios como *podcasts*, vídeos, blogs, recursos *wickis* etc. *E-learning* é o que se espera que os alunos façam como resultado dos esforços de *e-teaching*. Pode ser um erro confundir os fins esperados (aprendizado) com os meios para se chegar àqueles fins (ensino). Talvez seja a isso que se referiam os filósofos ao identificar o “erro categórico” – quando se atribui a alguma coisa uma propriedade que lhe é impossível ter.

A diferença é importante porque, como diz Paul Ramsden (2003), “nenhum professor pode estar certo de que seu ensino vai fazer com o que o aprendiz aprenda”. Apenas colocar uma estrutura sofisticada de *e-learning* sobre a outra, no Ambiente Virtual de Aprendizagem de uma instituição, pode não contribuir para a retenção de alunos. Afinal, a primeira coisa que um aluno, quando perde a motivação, deixa de fazer é se conectar a seu AVA.

Outro fator que pode ter efeito mais direto na retenção dos alunos é o uso de fóruns online, especialmente se moderados por tutores. No entanto, ainda não há evidências claras de aumento da retenção de discente através do uso de fóruns. Reconhece-se que encontrar tais evidências representaria um desafio de pesquisa difícil, mas dado o tamanho do esforço empenhado para a utilização deste tipo de fórum, é surpreendente que haja pouca avaliação aparente de seus efeitos.

Finalmente, talvez seja importante notar que computadores também podem, por vezes, significar barreiras para o aprendizado. A mera menção dos problemas diários que se tem com o uso de computadores – spam, vírus, travamentos, problemas de *software*, problemas de conexão etc. – pode levar à dúvida quanto aos progressos da área.

Outras formas de e-teaching

Existem muitas outras variedades de *e-learning*, como o uso de *podcasts*, blogs, *wickis*, YouTube, clips de vídeo, Facebook, SecondLife, entre outros, mas não foi possível encontrar evidência substancial de que essas ferramentas tenham aumentado a retenção do discente à educação a distância. Ao avaliar esse tipo de mídia quanto à sua eficiência, é preciso lembrar que, em comum, todos os estudantes têm pouca disponibilidade de tempo: se um tipo de mídia não é eficiente para o aprendizado, não será utilizada. Em última análise, o tipo de mídia mais eficiente para aprendizagem atualmente, ao que tudo indica, ainda é o papel (O’Hara et al, 1997).

Há modesta evidência dos efeitos da retenção com o uso da Internet de forma proativa, através de envio de mensagens de e-mail para os alunos com o objetivo de motivá-los a aprender (ver Tabela 1).

⁴NT: *E-teaching* representa a junção das palavras *Electronic* (eletrônica) e *Teaching* (teaching), formando a expressão já conhecida e traduzível como “ensino eletrônico”; esta expressão, no entanto, parece ter sido criada pelo autor e não é utilizada e reconhecida no vocabulário coloquial como a que lhe deu origem.

Tabela 1: Usando e-mails proativos para motivar estudantes a distância para que se mantenham estudando

Twyford 2007 Austrália	Emails motivacionais	11.7% de aumento em comparação com o controle	
Huett 2008 US	Emails motivacionais	23.4% de aumento em comparação com o controle	Significante aos 0.5%
Simpson 2011 UK não publicado	Ligações e mails motivacionais	18.9% de aumento em comparação com o controle	

Fica claro que mais evidências precisam ser coletadas, ao menos para se determinar que tipo de mensagens são mais eficientes.

Outros progressos em educação a distância

Há outros progressos na educação a distância, como o uso de *smartphones*, *tablets*, *e-books*, MOOCs⁵ e aprendizagem analítica. Algum desses progressos teria algum efeito na retenção ou desistência dos alunos?

Smartphones, tablets e e-books

Muitos alunos, hoje em dia, têm acesso a *smartphones*, que poderiam ser utilizados como mídia para o apoio motivacional proativo. Há, ainda, um número variado de aplicativos que podem dar apoio a um estudo mais eficiente, como organizadores e sistemas de cartões de memória. *Tablets e e-books* também podem representar um avanço em termos de retenção de alunos, se utilizados de forma inteligente, talvez na construção de atividades de autoavaliação e material motivacional. Porém, assim como outros sistemas de e-learning, o custo pode ser alto e a cada instituição deve observar a opção que lhes oferece mais em termos de retenção de alunos.

É possível, por exemplo, que a melhor relação custo-benefício esteja em utilizar sistemas de baixa tecnologia, como apoio através do telefone, para diminuir a desistência dos alunos.

Os MOOCs (Massive Open Online Courses) são, atualmente, o foco de muita atenção na educação a distância. Trata-se de cursos online abertos a qualquer um e que podem contar com muitos milhares, ou até centenas de milhares, de alunos matriculados. Em geral, não há apoio além do que está presente no material do curso e todas as avaliações são feitas no computador.

Até o momento, esses cursos não representam solução para a desistência: geralmente, os índices de conclusão entre eles são de 10% ou inferiores e há alguma dúvida a respeito do valor das qualificações obtidas exclusivamente através do computador e sem a capacidade da checagem correta de identidade.

Seus proponentes alegam que, considerando os grandes números de matrículas, o número total de graduados ainda é relevante o bastante para justificar a existência do modelo. Esse argumento assemelha-se um pouco àquele dos generais da Primeira Guerra Mundial, que acreditavam poder conseguir a

⁵ NT: MOOC, *Massive Open Online Course*, ou Curso Oline Aberto e Massivo, em tradução livre, é um programa de cursos que visa a interação e a participação em larga escala, com acesso aberto via internet.

vitória ao jogar um grande número de soldados de encontro às metralhadoras inimigas, na esperança de que alguns conseguiriam chegar do outro lado. Além disso, há pontos a serem respondidos: como os MOOCs são pagos – uma vez que a escola industrial do curso faz com que seus custos por aluno sejam baixos, ainda será preciso verificar quantos alunos pagariam qualquer valor para conseguir 10% de chance de obter uma qualificação, cujo valor de revenda é, em todo caso, uma incógnita.

A “Analítica da Aprendizagem” ou “mineração de dados educacionais” é um novo campo que se ocupa com a coleção e análise dos dados a respeito dos alunos. O objetivo é entender e otimizar os ambientes de aprendizagem para esses alunos. Um exemplo relativamente simples, voltado para a retenção, é utilizado por Simpson (2006), que utilizou uma análise binomial de regressão a resultados de estudantes anteriores para anexar um fator de “previsão de probabilidade de sucesso” a novos estudantes. Isto permitiu que os recursos limitados de apoio fossem concentrados nos alunos com baixa probabilidade prevista de sucesso e o resultado foi o aumento em 5% na retenção.

Até o momento, a analítica da aprendizagem é uma área com potencial para retenção, mas ainda não há reais descobertas de seus efeitos na desistência.

CONCLUSÃO

O futuro da educação a distância dependerá em como ela lidará com o problema da desistência dos alunos. Essa desistência se mantém como uma característica

fundamental da educação a distância com consequências nos custos, sustentabilidade e questões subsequentes para alunos, instituições e governos. Nesse aspecto, até o momento, é difícil ver a diferença que avanços recentes na tecnologia trazem para a educação a distância.

Para fazer diferença, é necessário encontrar formas de fortalecer a motivação dos alunos, fazê-la mais resistente diante do isolamento e dos problemas inevitáveis que vêm do estudo em meio período. Porém, as principais barreiras ao aumento da retenção talvez estejam nas atitudes acerca da retenção discente dentro da comunidade de educação a distância. Acredita-se que há três formas de visão da desistência estudantil por parte da comunidade de educação:

- a Darwinista: acredita na “sobrevivência do mais forte”, que aqueles que desistem o fazem por não serem suficientemente inteligentes, são desmotivados ou preguiçosos; é trabalho deles separar o joio do trigo e manter os padrões o mais alto possível;
- a Fatalista: acredita que um estudante desiste por razões que fogem a seu controle, vêm como sua responsabilidade ensinar da melhor forma que podem, mas que alguns alunos estão condenados a passar ou reprovar e não há muito que possa ser feito;
- a Retencionista: acredita que a maioria dos alunos desistem, na maior parte das vezes, pela falta de apoio proativo; vêm como sua responsabilidade desenvolver a motivação para aprender dos alunos de forma proativa e ajuda-os a atingirem seus potenciais.

Em última análise, aumentar a retenção de alunos na educação a distância não é procurar novas formas de aumentar a motivação a distância, mas também uma questão de mudança de atitudes. Nenhuma é tarefa fácil, mas ambas valem o esforço da implementação. De outra forma, o futuro da educação a distância manter-se-á, na melhor das hipóteses, nebuloso.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, E. *Retention for Rookies - presentation at the National Conference on Student Retention*, San Diego, 2006.
- BYNNER, J. *Hefce Report 01/46 - The wider benefits of higher education*. 2001. http://www.hefce.ac.uk/pubs/hefce/2001/01_46.htm. Accessed 11/11/2011.
- HUETT, J. Kalinowski, K. Moller, L. and Huett, K. *Improving the Motivation and Retention of Online Students Through the Use of ARCS-Based E-Mails*. *American Journal of Distance Education*, 22: pp159–176, 2008.
- MOORE, M. *Recent contributions to the theory of distance education*. *Open Learning*, Volume 5, Issue 3, 1990.
- O'HARA, K. et. SELLEN, A. *A Comparison of Reading Paper and On-Line Documents*. *CHI97 Electronic Publications*. 1997. Disponível em <http://www.sigchi.org/chi97/proceedings/paper/koh.htm>
- POWELL, R. *Openness and dropout: a study of four open distance education Universities*. 2009. Retrieved from http://www.ou.nl/Docs/Campagnes/ICDE2009/Papers/Final_paper_262powell.pdf
- RAMSDEN, P. *Learning to Teach in Higher Education*, 2nd ed., London: Routledge, 2003.
- ROY, R., POTTER, S., & YARROW, K. *Designing low carbon higher education systems: Environmental impacts of campus and distance learning systems*. *International Journal of Sustainability in Higher Education*, 9(2), 116–130, 2007.
- RUMBLE, G. *The competitive vulnerability of distance teaching universities*, *Open Learning*, 7 (2), pp 31–45, 1992.
- RUMBLE, G. *E-education – whose benefits, whose costs? In: Papers and debates on the economics and costs of distance and online learning*. No. 7 of the series 'Studien und Berichte der Arbeitsstelle Fernstudium Forschung der Carl von Ossietzky Universitat, Oldenburg' Germany, 2004.
- SIMPSON, O. *Predicting Student Success*. *Open Learning*. Volume 21, Issue 2, pp125, 138, 2006.
- SIMPSON, O. *Motivating Learners in Open and Distance Learning: do we need a new Theory of Learner Support? Open Learning*. Volume 23, Issue 3, 2008.
- SIMPSON, O. *Supporting Students in Online and Distance Education*. Routledge, New York, 2013.
- TWYFORD, K. *Student retention in distance education using on-line communication*. University of Technology Sydney Australia, 2007. Disponível em http://books.google.co.uk/books/about/Student_retention_in_distance_education.html?id=k9gaNAAACAAJ&redir_esc=y